



Pele negra, máscaras brancas: uma ressignificação decolonial de uma alteridade martinicana/africana

Me. Eberson Luís Mota Teixeira / Dr. Everton Nery Carneiro

RESUMO

Este artigo se propõe investigar as ideias de Frantz Fanon acerca de temáticas coloniais e racistas, donde o enfoque personalista pautado na psicanálise é *sui generis*. Neste tocante, é possível adentrar na psiquê do pensador e criar uma sororidade ativa com as injunções dos desvelamentos historicistas decoloniais acerca das estruturas escravistas, economia monopolista e como tais searas atuam/atuarão na formação da(s) personalidade(s), mitos e arquétipos de um povo. A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica e teve como aporte teórico autores como Fanon (2008), Freire (1974), Hegel (1972) dentre outros. Podemos considerar que Fanon tornou-se um escritor que inaugura o decolonialismo na sua escrita, porque viu-se inserido numa realidade europeia que destoava do existir do povo escravizado.

Palavras-chave: Decolonialismo. Estrutura escravista. Racismo estrutural

INTRODUÇÃO

Frantz Fanon é um pensador de seu tempo (existencialista marxista, humanista) educado numa tradição do pensamento criticista francês. Seu existir foi pautado num horizonte de sentidos aprendido no trato com o colonizador em escaninhos

acadêmicos europeus, todavia à guisa de um *élan vital*, no qual foi se impondo nas ausências de sentido, identificação e rupturas com o paradigma no olhar do outro sem a fraternidade que confere o sentimento de pertencimento (inter pares) e comunhão.

De acordo com o livro *Pele negra, máscaras brancas* (FANON, 2008) o referido escritor viveu numa estrutura social sistêmica aos moldes de uma supremacia branca, que se manifestava numa velada tirania étnica formalmente construída por um colonialismo historicista-mercantilista, donde se impunha (sem pejo) como “o” gênero dominante.

Quantas ingratas surpresas Fanon (2008) veio a ver, ouvir e sentir perante seus exames de memória, onde sua condição de estudante na França era, na realidade, capitaneada por um duplo chauvinismo (estrangeiro martinicano na França e francês na Martinica) como sina potencializadora para apreensão de um racismo étnico camuflado pela etiqueta ou dissimulado pelos olhares da alteridade francesa/martinicana no dia a dia.

Tais reveses, entre o racismo e o xenofobismo, foram os gatilhos malsãos que fizeram-no aperceber um axioma (a falta da presença negra nas academias). Estudar obras literárias não – identitárias que – pretensamente – se arvoravam as visões de mundo oficiais e ditas universais, constrangeu Fanon, a entender a cultura francesa como representativa de um locus e não como uma totalidade da humanidade.

Pele negra, máscaras brancas (2008) é, possivelmente, a obra de Frantz Fanon mais intimista e sensível às mazelas do povo negro, um convite a perscrutar hiatos solipsistas¹ e análises históricas contextuais perante formações coloniais, às quais foram introjetadas e modelaram a subjetividade dos colonizados.

Desta forma os africanos escravizados foram imersos em diálogos unilaterais eurocêntricos perante a não dialéticas atávicas entre um Eu (colonizador) - Tu (povo originário) gerando um Nós (BUBER, 2001). Isto é, quando o Eu não tem correspondência, no sentido de aceitar a presença e realidade do outro, esta presença que se impõe é uma tentativa de domínio e de enclausuramento perante um *status quo* supremacista².

A ‘inexistência’ academicista negra, foi o *leitmotiv*³ para desvelar a ausência desta condição humana (a negritude) como passível de uma identidade reconhecida, bem como pertencente ao mundo. Ou seja, não só ‘estar’ nele como um objeto, uma coisa alhures, todavia como um Ser que é, um *dasein*⁴. Eis o primeiro passo para entender que aquele (a) que não é visto ou reconhecido como ser no mundo é invisibilizado como uma ‘não-presença’ real.

Não é com pouco assombro que o ‘autor protagonista’ de *Pele negra, máscaras brancas* (2008) verifica a condição do negro no mundo como um algo primitivo, primário, oco, logo um estorvo. Um Ser sem essência humana, logo quando o identificam é como alguém menor, inferior e assomado de símbolos sexualizantes, instintivos, rude.

Neste artigo pretendemos analisar o racismo étnico e o xenofobismo em que Fanon (2008) estava inserido. Buscando mostrar que o estudo na França fêlo aperceber-se um estrangeiro em dois mundos (França e Martinica), bem como a perspectiva eurocêntrica que tentou invisibilizar o negro, enquanto Ser primitivo no mundo e na história.

Na sessão acerca da *história do mundo europeu e o negro* serão ilustradas as imposições europeias como *modus operandi* de violência para dominar o corpo e o espírito, em especial, incutindo um complexo de inferioridade ao negro escravizado e seus descendentes.

No trecho sobre o *homem branco e o colonialismo* iremos investigar as conquistas de um colonialismo malsão como um empreendimento do capital da época por meio de ações escravistas (captura e tráfico negreiro). Outrossim desnudar uma paradigmática de valores e cultura válida de vertente exclusivamente europeia.

No *mito da civilização do progresso* pretendemos abordar que a linguagem/língua são representações constitutivas de visões de mundo de um povo, assim como da formação de seu eu. Vale ressaltar que um aspecto aterrador será mancomunar o negro como um produto ou mesmo um indivíduo, ao qual precisa do reconhecimento do branco colonizador.

Por fim, nas *considerações finais*, mostraremos que o uso da dialética de Hegel (senhor e escravo) servem como tópicos analíticos para o eu e tu num tempo

histórico em seu contexto, não obstante Fanon (2008) busca um encontro de liberdades livres de ódios, de grilhões. Uma reconciliação dos Seres (brancos e negros), donde os dois sejam fins em si – mesmos e não meios, eis o mote final.

HISTÓRIA DO EUROCÊNTRISMO E O NEGRO

Na história do mundo europeu, o negro, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008) foi de ‘res’ (coisa) a um epônimo de degradação moral e sexual impondo-o um exótico prefácio para um pretense ‘complexo de inferioridade’ imposto a chibatadas e rogos artificiais de visões egocêntricas e supremacista branca.

A história tem farto material sobre a época colonial e suas peripécias de violência e morte nas vidas dos colonizados submetidos a um estado de brutalidade, opressões tensionadas pela miséria (exterior - interior) e a fome (FREYRE, 2003).

As consequências deste dominar é uma mácula – ainda vívida – em boa parte dos povos do planeta encurralados na contemporaneidade pelo capitalismo selvagem e pela globalização.

A sandice da sociopatia⁵, pareceu surgir na sociedade europeia, numa sanha sedenta por bens e gozos materiais, posto que numa sociedade deletéria fortalecer estas anomalias (bens materiais e gozos X vida humana) é necessidade para gerar um ambiente que (desumanize o colonizado) usurpando-lhe o seu passado ancestral, sua *lebenswelt*⁶ e seus valores primevos).

A situação prescrita acima se comporta – como uma epidemia – tentando produzir (malvadamente e maquinalmente) na psiquê do dominado uma inferioridade dita congênita. Destarte, era imprescindível para o colonizador tornar-se obscuro perante afetos humanos, que ao que tudo indica, são intrínsecos à natureza senciente/empática humana, posto que brutalizar e coisificar povos escravizados é/foi uma maneira escancarada de dominar ‘gentes’ e empedernir sentimentos.

O HOMEM BRANCO E O COLONIALISMO

O branco francês, não só se considera um desbravador, colonizador (vide: Marrocos, Tunísia, Guiné, Camarões, Togo, Senegal, Madagascar⁷, etc.), como um ser superior que foi vanguardista do iluminismo⁸, logo capaz de alta capacidade intelectual, moral e – não poucas vezes – confundindo-se como arauto do mais requintado progresso humano. Algo *sui generis*, dado que foram emissários de uma hecatombe apocalíptica em escala global só rivalizado com as imagens infernais da ‘divina comédia’ de Dante Alighieri ou garatujas de esquizofrênicos em manuais de psicopatologia.

O existir da civilização branca no tempo do colonialismo, é um exemplo lato de um desvio existencial (‘era dourada⁹’mitológica) do ser humano, onde formas de escravização mundial foram vistas como um empreendimento mercantilista escravocrata¹⁰, em que foram destruídas as bases primárias de culturas tribais inteiras soterrando suas autenticidades do existir.

Ao capturar e transportar centenas de milhares de pessoas amontoando-as em embarcações fétidas e purulentas, o europeu, estava vaticinando toda uma etnia a uma miserabilidade do viver (sem precedentes) e expurgando suas metafísicas. Não à toa, muitos morreram de *banzo*¹¹: uma dor saudosa e imorredoura de apatia física, emocional e espiritual, no mais alto grau de sensibilização de um ser humano que foi arrancado de sua terra, sua família e sua comunidade. (FANON, 2008).

A euforia europeia pelo poder e ganância são *modus operandi* nítidos de uma civilização enfermiça. Enfermidade esta que conferia aos brancos uma superioridade artificial (intentada pela força das armas) e preconizava o ‘negro’ como passível de ser escravizado por ser pagão (vide: sanção pela Igreja Católica¹²).

A consequência destas diatribes assassinas foi ‘inundar’ o negro escravizado num limbo atemporal, num hiato civilizacional aguilhoando feridas mentais (traumas) indeléveis em diversas etnias negras.

Quando Fanon escreve *Pele negra, máscaras brancas* (2008) é possível perceber a cultura francesa de fundo. Este se identifica com intelectuais da envergadura de Sartre, e o psicanalista C. G. Jung, aos quais irão influenciar sua forma de pensar o mundo. Neste tocante o autor utilizando a racionalização humanista/iluminista tecerá

críticas à irrefletida paradigmatização cultural do europeu como exemplo universal (vide: inconsciente coletivo¹³ em Jung (2000)).

A cultura europeia, sem embargo representa sua base apenas para preconceitos, mitos, atitudes, ações coletivas de um grupo dominante servindo de estrutura pessoal, social e psíquica coletiva para seu grupo original, entretentes, não poderia jamais ser a expressão onipresente e uníssona para toda civilização humana e planetária, exceto, a europeia.

O MITO DA CIVILIZAÇÃO DO PROGRESSO E SEUS CHISTES

O mito da civilização de vanguarda europeia infundiu-se com a aclamação da utopia evolutiva (aprimoramento, desenvolvimento) pessoal e social através da cultura branca como o passo dito natural de uma comunidade que desejasse ser reconhecida como florescente. Tal imbróglgio é tão bem arquitetado que Fanon (2008, p. 16) cita: “O negro evoluído, escravo do mito negro, espontâneo e cósmico, num dado momento sente que sua raça já não o compreende ou ele já não se compreende”.

No mundo da Europa, Fanon, (2008) aprende que a linguagem expressa o mais condignamente possível o imo do Ser e da sua sociedade. Vale ressaltar o ‘Ser’ colonial francês como o igarapé que formará as estruturas do bem viver com toda sua gama de complexidades, excelência e virtuose. Ao negro, redundam a pecha de indivíduos instintivos, de pouca inteligência e de comportamentos extravagantes, sem pudor.

A ‘maneira de ser’ do negro é vividamente identificada por europeus como sendo um comportamento padrão de seres primitivos (FANON, 2008). Malgrado tais falácias supracitadas, a psicologia irá investigar que as manifestações de civilizações negras são, não raras vezes, produtos da psicologia desumana dos europeus que transformaram um Ser senciente em objeto e depois em subespécie.

A condição do negro perante o europeu baseou-se em arquétipos pejorativamente construídos (indolentes, embrutecidos) e transformados em produtos comercializáveis pela economia mercantilista (FANON, 2008). Não cabia ao negro escolher seus destinos, seu existir no mundo e seu Ser. O negro foi aquilo que

tentaram moldá-lo a ser (uma criatura imperfeita, viciosa e pagã), e por fim, um ser inferior sempre diligente para obedecer, agradar e se submeter.

As intercorrências de um eretismo latente e de uma sexualidade afluada, impugnada ao negro, são assuntos recorrentes em *Pele negra e máscaras brancas* (2008). Quer este *opus* demonstrar onde tais artifícios depreciativos escondem uma insularidade intolerável – com formas de viver mais brandas e alegres – incitando o europeu a gerar chistes, chacotas, recriminações, quando não ressentimentos, que se mostravam em uma agressividade patente e ingerente perante as civilizações negras.

O domínio das possessões metropolitanas não foi somente material, mas adentraram todos os recônditos do viver das civilizações africanas e quanto mais idiossincráticas daqueles, maiores suas adjetivações malsãs (primitivismos). Não obstante, salvo engano, em civilizações que tentaram se perpetuar perante um poder despótico houve uma sincretização através das elites (subjugadas) dominantes. Surgiram pessoas (elites) que desejavam ser como o dominador. Queriam destes (europeus) seu reconhecimento, seus saberes, seus recursos tecnológicos, seu ‘Eu’ supremacista (FANON, 2008).

Eis que os filhos, dos filhos, destas nações conquistadas adentraram num universo equidistante e longo. Sem suporte financeiro ou segurança afetiva, tais senhores aprendem sobre a cultura do dominador para não serem mais dominados e munidos desta nova ferramenta pretendem estes dominar aos seus próprios.

No fundo (estes negros civilizados) são incapazes de pertencer e integrar a sociedade europeia como iguais (mesmo falando a língua culta, citando autores, obras e temáticas polêmicas com desenvoltura e retidão), uma vez que nasceram com o estigma histórico (memória) escravocrata do ‘Ser negro’ e *pari passu* são desde pronto identificados como o ‘outro’, ‘o estrangeiro’ conforme uma imposição conceitual num sentido universal.

Fanon (2008) explicita a redundância de “um negro” representar todos os negros como num imperativo categórico, em razão da ‘pele’ e toda a gama representativa, simbólica e histórica tentando identificá-los como Seres inferiores, Subespécies colocados em rol e não observando suas diferenças (línguas, vestuários, gastronomias, culturas, poesias, mitos, saberes singulares etc.).

Eis que o estapafúrdio dilema do negro para Fanon (2008) é ainda necessitar de uma autorização (um beija-mão real) para suplantar aquilo que o autor nomenclaturaliza de ‘complexo de dependência¹⁴’, donde o identificam *ad aeternum* do seu imo vinculado ao ‘seu’ colonizador e a todas as condições históricas, econômicas e sociais de imposição dominativa.

A CRÍTICA ANTIDETERMINISTA FANONIANA EM *PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS* CONTRA O REDUACIONISMO EUROPEU

Nos capítulos finais de *Pele negra, máscaras brancas* (2008), o filósofo martinicano, irá se insurgir contra este determinismo europeu nas consciências dos colonizados instruindo-os a observarem, que a experiência íntima do negro em sua terra ou em terras estrangeiras levam uma assinatura natural: o seu ‘estar no mundo da vida’. Mesmo que este ‘estar aí, em alguns momentos, traga mais uma consciência e um sentimento de inexistência que dignificação do seu Ser, enquanto partícipe do viver.

É lugar comum no naturalismo¹⁵ rousseauiano que o meio faz o homem e o corrompe, todavia é inusitado constatar como a etnia negra escravizada por séculos não se rendeu ao jugo de condições desumanas e humilhantes. Toda gama de julgamentos e censuras como pervertidos, supermachos e super fêmeas, feios, primitivos dentre outros, não foi suficiente para vergar o espírito destes povos. Tão pouco a violência física, econômica, psicológica e ou a morte. (FANON, 2008).

Na modernidade multiplicam-se os estudos sobre tais atrocidades e esperase, com isso, destacar uma pretensa amnésia intelectual e/ou emocional dos europeus e seus negacionistas perante estas ações/consequências mundo a fora.

A nova ciência (psicanálise)¹⁶ ressignificou a experiência traquejada dos negros como fatores de resistência ativa ou passiva entendendo o psiquismo melânico¹⁷ não consubstanciado por uma anomalia ou patologia ingente (é notório que a neuropatia não é um habitué da realidade humana). Exceto, aquelas construídas (peremptoriamente) por autores como Freud, que interpreta o ‘mito de Édipo’ para tentar correlacionar distúrbios afetivos e sexuais como um *a priori* universal na civilização. Vale a crítica de embate contra o psicanalista judeu vienense, posto que

lamentavelmente tomou a civilização europeia como “o” paradigma condutor para tais análises.

Autores da envergadura de Fanon (2008) preferem referenciar o complexo edipiano¹⁸ com uma correlação direta ao patriarcalismo da era vitoriana. Onde demonstra-se que suas ações viris de júbilo genocida são marcas psíquicas reprimidas (sexuais, comportamentais, materialistas etc.) de erupções indômitas numa sociedade marcada por milênios de repressões. O próprio autor de *Pele negras, máscaras brancas* (2008) faz um contraponto com civilizações de matrizes matriarcais, donde o frenesi ensandecido e assassino (do patriarcado) não foi tão profícua.

Os sistemas matrilineares¹⁹ desenvolveram um olhar mais holístico diante do mundo, das pessoas e da vida. Porventura tenham entendido as relações cíclicas nestas mesmas e no mundo da vida conseguindo angariar um respeito à gestação e criação de um ser humano como formas de profundo afeto.

As conexões matriarcais se manifestaram em 3 estágios:

- 1- intra (família núcleo com apoio e suporte),
- 2- inter (relações de parentescos consanguíneos) e
- 3- extra (com outros clãs/tribos/civilizações respeitando-se o direito à vida da alteridade) aprofundaram as percepções empáticas como efeitos da delicadeza sutil (gestacional) da natureza humana ‘feminina’. (COULANGES, 2007)

Teriam as mulheres (mães) devido ao advento da maternidade desenvolvido uma empatia superior que a masculina? Teriam as mulheres sido silenciadas perante o estertor convulsivo e neurotizado do homem e com isso desenvolveram formas ladinas de ação?

O que podemos esquadrihar é a ascensão masculina (como alfas), em algum momento da história humana seja pela violência, desejo de controle ou pelo medo. O homem legou às suas instituições (governos, exércitos, administração etc.) estes mesmos motes e cagoetes.

Urge observar que a violência dominou centenas e/ou milhares de povos. Nesta toada de controle submeteu a mulher, como seu primeiro objeto teste, e no segundo

intermezzo as etnias diferentes, os opositores dissonantes e, por fim ‘os negros’ como instrumentos de dominação e depreciação excludente.

Para que o palco estivesse montado na sociedade reprimida/repressora da Europa corriam-se as construções adjetivadoras, julgadoras, de chistes e de culpados, muitas destas, tendo como pano de fundo a(s) religiões e seus dogmas infundáveis de obscurantismos e metafísicas.

Neste supracitado, remetemo-nos às questões dos judeus apreçoada por Fanon (2008) em sua obra, donde mostra um arcabouço cruel e de injustiça perante uma etnia judaica com potencial para se adaptar, sobreviver e prosperar (parafraseando a teoria de Charles Darwin), que à maneira de ‘diferenças irreconciliáveis’ na esfera religiosa (muito mais pautadas em ódios e medos) foram perseguidos e mortos. Segundo Baruk (apud Fanon, 2008, p. 120): “A libertação em relação aos complexos de ódio. Somente será alcançada se a humanidade for capaz de renunciar ao ‘complexo de bode expiatório’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler Fanon (2008) é um esforço de desprendimento das formas ocidentais do pensar hegemônico. Salvo algumas observações academicistas como *a dialética do senhor e do escravo* - clássico em Hegel (1992), onde consciências se reconhecem (como um EU e um TU), que mesmo diferentes coexistem em espaços formais sob o liame de uma subjugação, todavia não uma ‘invisibilidade’ persistente para uma nulidade do Ser no estar ali do outro, do mundo e da vida.

De maneira inusitada, o escritor martinicano em foco, busca uma reconciliação do Ser perante outro Ser. A análise evolui em construções intelectivas conceituais, que intentam não somente identificar, mas discriminar as ‘naturezas humanas’ díspares, quando sob a égide do autor poderiam ser ‘opostos complementares’ se retroalimentando num ‘moto-contínuo’.

Resgatando KANT (2007), Frantz Fanon (2008), traz à baila a nomenclatura teleológica, onde ‘todo ser deve ser *fim em si mesmo e não instrumento para*

outrem', sem embargo não há dignidade numa relação de coisas, destarte de consciências entre seres humanos livres e partícipes de deveres morais.

Tais ações de contributos (dísparos ou em consonância) podem não implicar numa mudança significativa ou real para crianças em canaviais na Martinica, trazido à memória pelo autor, todavia ressaltamos que é pela liberdade que os homens se conhecem em Fanon (2008, p. 154): “Consistem em, ainda hoje, organizar racionalmente essa desumanização. Mas eu, homem de cor, na medida em que me seja possível existir plenamente, não tenho o direito de me confinar em um mundo de reparações retroativas”.

Surpreendentemente, o pensador, não cobra uma expiação do europeu. Muito adversamente, aquele, quer contato, descoberta, encontro e com a percepção da riqueza na diferença e no debate dialético livre de amarras, jugos censurativos e peias mentais.

Pele Negra, Máscaras Brancas (2008), aposta, na contemporaneidade das investigações históricas no seu mais amplo espectro voltado para o passado – não como único viés de narrativas – contudo como um momento importante de ampliação de uma realidade e de como se manifestam similitudes e verossimilhanças.

Um canto de esperança! Eis a sonata final. O autor nos brinda com aquilo que deveria caracterizar os humanos: a gentileza e a liberdade. O acalanto fanoniano, apesar de toda cor, dissabor, todo horror é delicadamente conduzir às searas do afeto que afaga e acolhe, porquanto segundo Fanon (2008, p. 157): “(...) todo problema humano exige ser considerado a partir do seu tempo. O ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro. E esse futuro não é o do Cosmos, mas sim o do meu século, do meu país, da minha existência (...)”.

A mensagem que fica em Frantz Omar Fanon (2008) é que este combateu o bom combate. Lutou com ímpeto e ao final deixa um legado icônico autêntico de um homem que transformou sua dor, em fê (no diálogo) e na perseverança (o futuro ainda está aberto), porque se viu livre, apesar de todos os grilhões.

NOTAS

1. Doutrina segundo a qual só existem, efetivamente, o eu e suas sensações, sendo os outros entes (seres humanos e objetos), como partícipes da única mente pensante, meras impressões sem existência própria(...).Fonte:https://www.google.com/search?q=solipsismo+significado&rlz=1C1AVFC_enBR982BR983&oq=solip&aqs=chrome..3.69i57j0i433i51213j0i51216.4166j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acessado em 20 de fevereiro de 2022.
- 2, Na dialética hegeliana do senhor e do escravo, o senhor aparece como a vida e o escravo como um ser para o outro, sendo comparado a uma coisa. O senhor é visto como para-si, enquanto o escravo é a ponte entre o senhor e o objeto de seu querer, sendo o escravo uma coisa de seu senhor. “[...] o que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação” (HEGEL, 1992, p.131). Fonte: <https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1842#:~:text=Na%20dial%20%C3%A9tica%20do%20senhor%20e%20do%20escravo%20o%20senhor%20aparece,sendo%20comparado%20a%20uma%20coisa.&text=No%20agir%20do%20escravo%20n%C3%A3o,que%20reconhece%20o%20seu%20senhor>. Acessado em 16/02/2022
3. Palavra alemã Leitmotiv, que significa "motivo condutor". Fonte: <https://dicionario.priberam.org/leitmotiv>. Consultado em 17-02-2022].
4. Termo usado por Heidegger para conceituar a constituição fundamental do existir humano, ou seja, o ser no mundo, cujo significado é manter-se aberto para as possibilidades daquilo que aparece. O que caracteriza o dasein é o poder ser, algo não passível de objetivação. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Q7Vx>. Acessado em 09/02/2022.
5. A sociopatia é caracterizada por um egocentrismo exacerbado, que leva a uma desconsideração em relação aos sentimentos e direitos das outras pessoas. Fonte: <https://www.significados.com.br/sociopata/>. Acessado em 17/02/2022.
6. Mundo da vida (em alemão: Lebenswelt,) é um termo da filosofia ligado principalmente com a fenomenologia de Edmund Husserl, que assim o define1 : O “mundo-da-vida” é o terreno a partir do qual tais abstrações [da ciência] derivam, é o campo da própria intuição, o universo do que é intuível, ou ainda, um reino de evidências originárias, para o qual o cientista deveria se voltar para verificar a validade de suas idealizações, de suas teorias, posto que, a ciência interpreta e

- explica o que é dado imediatamente no “mundo-da-vida”. in “A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental”, de Edmund Husserl. Fonte:
<https://geifenomenologia.wordpress.com/fenomenologia-2/temas-diretores/mundo-da-vi-da/#:~:text=O%20%E2%80%9Cmundo%2Dda%2Dvida,teorias%2C%20posto%20que%2C%20a%20ci%C3%Aancia>. Acessado em 09/02/2022.
7. Fonte:<https://francesobjetivo.com.br/paises-colonizados-pela-fran-ca/#:~:text=Foram%20col%C3%B4nias%20francesas%20at%C3%A9%20meados,%2C%20Djibouti%2C%20Rep%C3%ABlica%20Centro%20Africana>. Acessado em 18/02/2022
8. O movimento Iluminista aconteceu entre 1680 e 1780, em toda a Europa, sobretudo na França, no século XVIII. O Iluminismo caracterizou-se pela importância dada à razão. Com isso, a razão encaminharia o homem à sabedoria e o conduziria à verdade. Fonte: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/a-importancia-do-iluminismo-frances-.htm#:~:text=O%20movimento%20Iluminista%20aconteceu%20entre,e%20o%20conduziria%20%C3%A0%20verdade>. Acessado em 18/02/2022.
9. Na mitologia grega, a idade do ouro teria começado com a criação dos primeiros homens pelos deuses, no reinado de Krónos. Essa primeira raça de homens não precisava trabalhar, não havia velhice ou morte; havia apenas uma espécie de sono profundo, ao final da vida. Havia total justiça, nessa idade. Após sua “morte”, os homens da idade de ouro se transformaram em intermediários entre os deuses celestes e os demais homens. Fonte: <http://www.ghtc.usp.br/Universo/pag24.html>. Acessado em 09/02/2022.
10. Em porões de navios escuros, sujos e quentes, cerca de 12,5 milhões de africanos escravizados fo-ram trazidos para a América. Fonte:
<https://super.abril.com.br/especiais/a-era-da-escravidao>. Acessado em 18/02/2022.
11. Banzo significa estar triste, pensativo, atônito é um sentimento de nostalgia que os negros da África tinham, quando estavam ausentes do seu país. Fonte:
<https://www.significados.com.br/banzo/>. Aces-sado em 17/02/2022.
12. Dum Diversas é uma bula papal emitida a 18 de junho de 1452 pelo Papa Nicolau V dirigida ao rei Afonso V de Portugal acompanhado pelo breve apostólico Divino amore communiti que eram au-torizados a conquistar territórios não cristianizados e consignar a escravatura perpétua os sarracenos e pagãos que capturassem, tomando

posse das suas terras e bens e é considerada por alguns como o " advento do comércio de escravos da África Ocidental. Fonte:

<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/43112>. Acessada em 09/02/2022.

13. Segundo Jung, o inconsciente coletivo não deve sua existência a experiências pessoais; ele não é adquirido individualmente. Jung faz a distinção: o inconsciente pessoal é representado pelos sentimentos e ideias reprimidas, desenvolvidas durante a vida de um indivíduo. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, ele é herdado. É um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. Fonte:

<https://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/eduardoaugusto/Incosciente1.htm>. Acessado em 09/02/2022.

14. Transtorno de personalidade dependente é caracterizado por uma necessidade generalizada e excessiva de ser cuidado, levando à submissão e comportamentos viscosos. Fonte: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psi-qu%C3%A1tricos/transtornos-de-personalidade/transtorno-de-personalidade-dependente-tpd>. Acessado em 18/02/2022.

15. Jean-Jacques Rousseau: <https://www.infoescola.com/filosofia/a-filosofia-de-rousseau/>. Acessado em 17/02/2022.

16. Que teve origem com autores FREUD (1997), JUNG (1994) dentre outros. https://www.psicanaliseclinica.com/origem-e-historia-da-psicanali-se/?gclid=CjwKCAiAgbiQBhAHEiwAuQ6Bkurw1T8P5Ug0SoCkBOWyP9vu4ojMs_EUFnOvJ4KerjvTZMQhauwPaBoC5loQAvD_BwE. Acessado 17/02/2022.

17. Negro.

18. Complexo de Édipo é uma fase do desenvolvimento psicosssexual da criança do sexo masculino, que se caracteriza quando esta começa a sentir uma forte atração pela figura materna e se rivaliza com a figura paterna.

Fonte: <https://www.significados.com.br/complexo-de-edi-po/#:~:text=Complexo%20de%20%C3%89dipo%20%C3%A9%20uma,rivaliza%20com%20a%20figura%20paterna.&text=De%20acordo%20com%20a%20psican%C3%A1lise%2C%20o%20Complexo%20de%20%C3%89dipo%20surge,anos%20de%20vida%20da%20crian%C3%A7a>

19. : <https://www.dicio.com.br/matrilinear/>. Acessado em 17/02/2022.

REFERÊNCIAS

- BREUER, J. & FREUD, S. (1893-1895) “Estudos sobre a Histeria”. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. 2.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 170 p. COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. (Título original: *La cité antique*. Tradução: Jean Melville). 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.
- FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974. FREIRE, São Paulo.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso*. — 48’ ed.rev. — São Paulo: Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Effen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- JUNG, C. G. *Estudos Psiquiátricos*, Petrópolis. RJ: Vozes, 1994.
- _____, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo / CG. Jung; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]*. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KANT, Imanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, p. 68. 2007.

Autores:

Eberson Luís Mota Teixeira

Possui licenciatura em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA - 1998). Tem pós-graduação em Filosofia Contemporânea (Faculdade São Bento da Bahia - 2007) e pós-graduação em Gestão e Políticas Públicas para a Educação Básica - Universidade Estadual da Bahia (UNEB - 2014). Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social. (MPIES) da



Universidade Estadual da Bahia (UNEB - Ba). É atualmente professor EBTT do Instituto Federal Baiano – Campus Bom Jesus da Lapa - BA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9660-6407>

Plataforma lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0750874662387230>>

Everton Nery Ribeiro

Pós doutorado em Educação (Universidade Federal do Ceará). Pós doutorado em Crítica Cultural (Universidade do Estado da Bahia). Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (CAPES 06). Mestre em Teologia (EST). Especialista em Filosofia Contemporânea (São Bento); Especialização em Ética, Teologia e Educação (EST); Especialista em Educação, desenvolvimento e Políticas Públicas (FACIBA); Licenciatura em Geografia (UEFS); Bacharelado em Teologia (STBNE); Licenciatura em Filosofia (FBB). Atualmente é docente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, hermenêutica, vida, filosofia, fenômeno religioso e arte. Atualmente é professor permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) onde atua como coordenador da Linha 02 (Novas formas de subjetivação e organização comunitária), atuando como professor de Metodologia da Ciência. Coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões (CEPICR). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Religião, Cultura e Saúde. Tem experiência na área de ensino de geografia e filosofia também no ensino médio. Atualmente desenvolve parte de suas atividades docentes na graduação nos seguintes componentes curriculares: Filosofia e Ética; Seminários Interdisciplinares de Pesquisa; Trabalho de Conclusão de Curso; Estudos Filosóficos; Arte, Cultura e Sociedade. Coordena o Curso de Pedagogia da UNEB no Campus XV. Autor dos livros: "Filosofia, Teologia e Poesia"; "Mitologia Grega e Bíblia - narrativas de transgressão"; "Ensino Religioso - política, diversidade, fenômeno religioso e práticas pedagógicas"; "Sobre, Entre e Para".

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4240-1246>

Plataforma lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1209808259228932>>